



SESSÃO - 02

3. COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA: REFLEXÕES SOBRE PROJETO DE EXTENSÃO EM INTERFACE COM A PESQUISA

*Cláudia Regina Lahni**

*Fernanda Coelho***

*Raquel Lara Rezende****

Resumo

Trabalhar prática e reflexão em conjunto é uma proposta executada e conceituada por Paulo Freire. O educador brasileiro, que muito pesquisou e difundiu a importância do desenvolvimento da teoria aliada à ação, teve suas idéias seguidas pelo comunicador argentino Mario Kaplún, para quem a comunicação deve ser participativa e democrática. Com base no aporte teórico especialmente desses pesquisadores, realizamos o *Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária*, projeto de extensão em interface com a pesquisa - financiado pela Fapemig -, que trabalha educomunicação com adolescentes das classes populares. A partir de pesquisa participante e bibliográfica, apresentamos aqui reflexões acerca da oficina de Jornal e do trabalho de graduandos que participam do projeto. Avaliamos que, como preconizou Paulo Freire, a prática aliada à teoria contribui com a ciência e com o fortalecimento da cidadania.

Palavras-chave: cidadania; comunicação; educomunicação; extensão e pesquisa; juventude

Abstract

Work practice and reflection together a proposal is implemented and conceptualized by Paulo Freire. The Brazilian educator who researched a lot and spread the importance of developing the theory together with the action, saw his ideas followed by Argentine Mario Kaplún communicator, to whom the communication should be participatory and democratic. Based on the theoretical especially those researches, carried out the *Communication for Citizenship: Technologies, Identity and Community Action*, the extension project interfaces with the research - funded by FAPEMIG - who works with adolescents in education communication classes. From participatory research and literature, here are reflections on the workshop and the work of students participating in the project. Evaluated, as advocated by Paulo Freire, the practice coupled with theory contributes to science and the strengthening of citizenship.

Keywords: Citizenship; Educommunication, Youth, Theory and Action

* Professora-doutora permanente do PPGCOM-UFJF e docente de Comunicação Comunitária da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora e mestra em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e jornalista formada pela PUC-Campinas, é coordenadora do projeto de extensão em interface com a pesquisa *Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária* (financiado pela Fapemig). crlahni@yahoo.com.br

** Mestranda e bolsista Fapemig do PPGCom/UFJF. fernandahauck@yahoo.com.br

*** Mestranda do PPGCom/UFJF foi bolsista Fapemig de Apoio Técnico do Projeto *Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária*. rlrezende@yahoo.com.br



Introdução

Este artigo apresenta reflexões sobre o projeto de extensão em interface com a pesquisa *Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária*. O projeto foi desenvolvido em 2008 e 2009, por professores e alunos da graduação e do mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e constou de oficinas de comunicação para adolescentes estudantes de escolas públicas da cidade, com os quais trabalhamos educomunicação. Com base em obras de Paulo Freire, Mario Kaplún e outros autores, relatamos parcialmente, aqui, esta experiência, com reflexão voltada em especial para a oficina de jornal (impresso) e para o trabalho teórico desenvolvido para e por estudantes da graduação que foram bolsistas do projeto. Esperamos, assim, contribuir com os estudos e o desenvolvimento de atividades que trabalhem pesquisa e extensão de forma conjunta.

Educomunicação, extensão e pesquisa

A comunicação é uma das possibilidades para o exercício desse direito e dever, que é a participação, base para a democracia. Quanto a isso, Cecilia Peruzzo avalia que criticar a manipulação das grandes redes de rádio, televisão e impressos é pouco. É preciso ocupar espaços e se organizar para descentralização

e reordenamento dos meios. Afinal, “eles são bens públicos, no sentido de que pertencem à União e, portanto, à coletividade, devendo, como tais, estar prioritariamente a serviço do bem-estar comum e não de pessoas ou grupos que detêm o poder de controlá-los” (Peruzzo, 1999: 277,278). Nesse caminho, trabalhar a educomunicação é importante para a desmitificação dos meios e para a construção de alternativas de comunicação.

No projeto Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária (financiado pela Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) trabalhamos educomunicação com adolescentes das classes populares. Entendemos tal conceito como leitura crítica dos meios, conforme apontado por Mario Kaplún em trabalho desenvolvido com Hermosilla, no qual apresentam caminhos para a formação do comunicador social tendo em vista a educação para os meios (Hermosilla e Kaplún, 1987).

O método de leitura crítica propõe um receptor ativo e crítico diante dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa. Aí surge o que Kaplún chamou de educomunicação. Mas o exercício da crítica na recepção não é algo fácil de realizar. Não basta ter acesso à informação, é preciso ter acesso ao poder de comunicar para, assim, os indivíduos estarem capacitados para ler





criticamente a mídia (Coelho e Lahni, 2009). Trata-se, aqui, do movimento de ação, reflexão e ação, proposto por Paulo Freire, aporte teórico no qual Kaplún se fundamentava.

Partilhamos dos pensamentos de Esmeralda Villegas Uribe sobre Kaplún e, portanto, esperamos

que sua autenticidade, seu compromisso e sua honestidade nos sirvam de bússola nos caminhos da comunicação e da educação. Que sua sabedoria continue acendendo luzes para tornar realidade o sonho partilhado: uma comunicação realmente democrática, que contribua para a construção de um mundo mais justo e mais harmônico para todos (URIBE, 1999, p. 250).

Na luta para a realização de seu sonho, Kaplún refletiu e agiu. Refletiu sobre o papel do (edu)comunicador e criou formas de dar voz aos excluídos do processo de comunicação; como o cassette-fórum e a educomunicação.

Uribe lembra que os livros do pesquisador, como *De la educación a la comunicación*, recolhem as preocupações do autor em torno da educação para a comunicação e para os meios e sua fé na construção de uma comunicação dialógica. “Comprometido com a causa dos pobres e marginalizados e voltado ao trabalho junto a grupos e organizações de base, fez-se merecedor de um lugar destacado nos setores populares” (URIBE, 1999, p.250).

Para Kaplún,

En la medida en que sigamos asumiendo el clásico papel de emisores, de poseedores de la verdad que dictamos a verdad a los que no “no saben”, en la medida en que sigamos depositando informaciones e ideas ya “digeridas” en la mente de nuestros destinatarios, por libertadores y progressistas que sean los contenidos de nuestros mensajes, continuaremos siendo tributarios de una comunicación autoritaria, vertical, unidireccional. (KAPLÚN, 1998, p. 27)

A partir desse prisma, podemos pensar a educomunicação como uma forma de reconstruir não apenas a comunicação, mas também nossas relações educador/educando, dentro de uma concepção mais ampla, em que compreendemos a comunicação como um processo educativo e os processos educativos como processos comunicativos.

Paulo Freire trata de comunicação e tem uma posição importante na construção do conceito de educomunicação, uma vez que suas reflexões foram base para trabalhos nessa área. Como precursor na luta por relações dialógicas, Freire destaca a educação para a libertação e a busca por uma sociedade mais igualitária. Ao compreender que o sujeito precisa se sentir parte do mundo a que pertence e não objeto dele, o teórico entende o educando como agente na compreensão, construção e configuração do mundo e da realidade.





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

Para o educador Paulo Freire, transformar o mundo através de seu trabalho, expressá-lo e expressar-se são algo próprio dos seres humanos. “A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade” (Freire, 1978:24).

Nesse sentido, vale ressaltar o importante papel desempenhado por veículos comunitários autênticos, que podem ser um espaço para a expressão das classes populares, em sua maioria alijadas dos meios de comunicação de massa (Lahni, 2005). Da mesma forma, o trabalho de educomunicação, entendida como leitura crítica dos meios – e, a partir dela, o fazer da comunicação comunitária –, também tem uma grande importância.

Paulo Freire salienta que o educador ou trabalhador social deve ensinar a estudar, repensar e assumir uma atitude crítica. Para ele, “estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto” (Freire, 1978:10). Tal tarefa, de incentivar a reflexão e a ação, é certamente feita por trabalhos de educomunicação, em que, ao fazer comunicação, reflete-se sobre ela.

O autor escreve sobre a unidade entre teoria e prática e, reforça, no caso da educação – sua área –, a unidade entre teoria e prática social. Defende que

a teoria que é base para a prática geral das classes dominantes, na qual a educação está inserida, não pode ser a mesma que servirá às classes dominadas, “daí a impossibilidade de neutralidade da prática educativa como da teoria que a ela corresponde” (Freire, 1978:18), o que também se pode aplicar à comunicação e à pesquisa em geral.

Nos conceitos mencionados, percebemos que Paulo Freire, como faz em sua obra no geral, defende a ação e reflexão, a junção da teoria com a prática. Isso, em prol da transformação da realidade. É assim também que buscamos desenvolver nosso trabalho no Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária. Vale citar que cidadania é entendida como o exercício e a defesa da manutenção e ampliação de direitos.

Comunicação para a Cidadania

O *Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária* foi pensado de forma a contribuir para a democratização da comunicação e para o exercício da cidadania de jovens da periferia de Juiz de Fora – município de cerca de 500 mil habitantes, localizado na Zona da Mata de Minas Gerais. Este projeto de extensão em interface com a pesquisa em comunicação, identidade e cidadania, que teve a aprovação da Fapemig em dezembro de 2007, passou a contar com





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

seu financiamento em fevereiro de 2008. As atividades práticas foram realizadas, principalmente, na Casa de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora. A partir do financiamento da Fapemig, foi estruturada uma sala com onze computadores, uma mesa de seis canais, sete câmeras filmadoras e onze câmeras fotográficas (pelo apoio financeiro contamos com outros equipamentos, especialmente para o trabalho teórico). O financiamento também possibilitou o trabalho da comunicadora Raquel Lara Rezende, como bolsista de apoio técnico.

O projeto realiza educomunicação, entendida como leitura crítica dos meios, em prol do direito à informação e do direito à comunicação, com adolescentes que estudam em escolas públicas de Juiz de Fora. Para isso, os jovens participam de oficinas de jornal e rádio – coordenadas pela professora Cláudia Lahni –, oficina de TV – coordenada pelas professoras Iluska Coutinho e Christina Musse –, de fotografia – coordenada pelo professor Jorge Felz –, de cultura política – coordenada pelo professor Paulo Roberto Figueira Leal – e de inclusão digital – coordenada pelo professor Bruno Fuser. Em 2009, os adolescentes realizaram também oficina de cinema – coordenada pela professora Cláudia Lahni.

Foram atendidos, em 2008 e 2009, três grupos de adolescentes. No primeiro semestre de 2008, as atividades foram

realizadas com cerca de 30 jovens, com idade entre 16 e 19, dos bairros Santa Cândida e Granjas Bethânia (da periferia de Juiz de Fora – MG), participantes do programa UFJF: Território de Oportunidades. No segundo semestre de 2008, as atividades foram realizadas com 16 adolescentes, com idade entre 14 e 17 anos, do bairro Santa Cândida (Zona Leste). Em 2009, as atividades foram realizadas com 31 jovens, com idade entre 15 e 18 anos, dos bairros São Pedro e Dom Bosco (situados no entorno do Campus Universitário). Nas atividades práticas de comunicação com esses 77 adolescentes trabalharam 18 bolsistas da graduação em comunicação (de extensão e de pesquisa), dois mestrandos e uma bolsista de apoio técnico, além dos professores.

Como outras atividades, para exemplificar, em 2009, além da participação em atividades teóricas e técnicas das oficinas na Casa de Cultura, por iniciativa dos projetos¹, os adolescentes visitaram o Campus Universitário, o Museu de Arte Moderna Murilo Mendes, o Forum da Cultura, o Centro de Cultura Bernardo Mascarenhas (com uma exposição do Ano França-Brasil), o Cine Palace (com atividades do Festival de Cinema Primeiro Plano), a Rádio Catedral (educativa), entre outros. Participaram ativamente da Conferência Municipal de Comunicação (realizada na Câmara Municipal e no Instituto Granbery) e da Pré-Conferência de Comunicação da UFJF (realizada no





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

Anfiteatro das Pró-reitorias). Estiveram presentes no lançamento do livro *Culturas e Diásporas Africanas*, que contou com palestra do pesquisador Marcelo Paixão, da UFRJ, realizado na Casa de Cultura. Participaram de um dia de atividades, na Casa de Cultura da UFJF, com a rapper carioca Nega Gizza - uma das fundadoras da CUFA (Central Única das Favelas) -, que culminou com um debate com a artista e a aluna Fabíola, do DCE-UFJF e do Coletivo Feminista Maria Maria Mulheres em Movimento (Núcleo da Marcha Mundial das Mulheres em Juiz de Fora), sobre a presença das mulheres na sociedade. Os jovens também participaram da Mostra Final do Projeto Educação e Cultura Geracional, realizada no dia 10/12/2009, na Casa de Cultura, que contou com a presença da Nega Gizza, além de apresentações artísticas da cidade e mães, pais e outros convidados.

Assim, conforme objetivo do projeto de extensão em interface com a pesquisa *Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária*, realizamos com jovens das classes populares oficinas de rádio, jornal, fotografia, cinema, novas tecnologias, vídeo e cultura política, em que houve produção de programas radiofônicos, fanzines, fotos, vídeos, blogs, jornais murais e reflexões sobre essas ações. Tais reflexões a partir dessas ações geraram outras ações, como a participação dos adolescentes na Conferência Municipal de Comunica-

ção. As atividades do projeto envolveram bolsistas da graduação e do mestrado em Comunicação, que desenvolveram trabalhos práticos e teóricos, como veremos a seguir.

A oficina de jornal impresso: desenvolvimento e reflexões

Aqui apresentamos observações decorrentes da participação destas pesquisadoras no projeto *Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária*, em especial na oficina de jornal impresso. Como parte de seu projeto de mestrado, a pesquisadora Fernanda Coelho realizou pesquisa participante na oficina. O objetivo foi aplicar os princípios da educomunicação e, assim, verificar em que medida o método pode contribuir para que os jovens leiam criticamente a mídia, e exerçam o seu direito à comunicação contribuindo, dessa forma, para a ampliação de sua cidadania.

Cicilia Peruzzo (2003) defende a importância da pesquisa participante para contribuir com o exercício da comunicação a favor de uma comunidade, ou grupo envolvido. Esse método de pesquisa consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.

A pesquisa participante implica na presença constante do observador,





para que ele possa “ver as coisas por dentro”, no compartilhamento das atividades do grupo e na necessidade de o pesquisador “assumir o papel do outro” para poder atingir o “sentido de suas ações”. Os resultados podem, por exemplo, ajudar a resolver problemas de comunicação do grupo pesquisado e promover, assim, a melhoria da sua qualidade de vida.

Os adolescentes foram divididos em duas turmas, A e B, para o desenvolvimento das atividades do projeto. Cada turma ficou três meses na oficina de jornal impresso. Podemos dividir o trabalho em duas etapas. Na primeira houve debates sobre negritude, minorias historicamente oprimidas e mídia, entrevistas e leitura de jornais. Já na segunda etapa os alunos dedicaram-se à produção de um fanzine. Os temas, a escolha do nome e a produção do veículo ficaram a cargo dos adolescentes. É importante ressaltar que, apesar de ter sido feito um planejamento para a oficina, este foi modificado à medida que percebíamos a demanda dos jovens.

No primeiro encontro aplicamos um questionário, que tinha quatro questões abertas, e o reaplicamos no fim da oficina. O objetivo era confrontar as respostas e verificar possíveis mudanças na forma como os jovens vêem a relação entre mídia e juventude. Abaixo apresentamos algumas respostas.

Algumas respostas e observações

1 - No filme Cidade de Deus, os personagens principais, na sua maioria jovens, terminam vítimas do tráfico de drogas. A única exceção é o personagem Buscapé, que descobre na fotografia uma profissão. Partindo desse exemplo, responda:

Jovem: Amanda Aparecida de Jesus Silva

1.1 - Você acha que o filme retrata a realidade da maioria dos jovens das periferias do Brasil? Por quê?

Resposta dada na primeira aplicação do questionário: “Sim”.

Resposta dada na segunda aplicação do questionário: “Não. Porque nem todos os jovens são assim, envolvidos no tráfico de drogas ou roubam”.

1.2 - Caso você fosse o diretor do filme, o que faria diferente?

Jovem: Patrick Rodrigues Honório

Resposta dada na primeira aplicação do questionário: “Acho que o mesmo que o diretor do filme, mas mostraria também os jovens que lutam para ter uma vida melhor”.

Resposta dada na segunda aplicação do questionário: “Faria diferente. Mostraria não só a parte da violência e drogas, mas também como os projetos sociais dentro das peri-





ferias mudam a vida de crianças e jovens”.

2 - “Principal alvo da violência urbana, jovens de comunidades carentes começam a encontrar em escolas dos Estados do Rio de Janeiro e Pernambuco a oportunidade de se afastar das drogas e do crime” – (O Globo, 08/04/05). Baseando-se na manchete apresentada, responda:

Jovem: Jonathan H. A. Silva

2.1 - Você acha que os jovens das comunidades “carentes” têm no tráfico de drogas e no crime o seu principal destino? Por quê?

Resposta dada na primeira aplicação do questionário: Não respondeu.

Resposta dada na segunda aplicação do questionário: “Não, pois há projetos, escola e outras atividades para os jovens”.

2.2 - Você se considera “carente”? O que é ser “carente” para você?

Resposta dada na primeira aplicação do questionário: “Não”.

Resposta dada na segunda aplicação do questionário: “Não. Carentes são as pessoas que têm as condições de vida abaixo do necessário para a sobrevivência”.

3 - “Cerespinho: família diz que menor não tentou se matar”. (JF

Hoje, 29/04/09)

“Jovem diz que matou os pais por amor ao namorado”. (portal Terra Notícias, 08/11/02, sobre Suzane Louise Von Richtofen, 19 anos).

Jovem: Tairine Alves Cruz

3.1 - Você considera a primeira manchete preconceituosa, por quê?

Resposta dada na primeira aplicação do questionário: “Não”.

Resposta dada na segunda aplicação do questionário: “Sim, porque eles sabem que o menino é pobre e por isso chamam ele de menor. Também, chamar o centro socioeducativo de cerespinho também não tem nada a ver”.

3.2 - Por que os jovens, ambos autores de atos infracionais, são tratados de forma diferente; Suzane é chamada de jovem e o rapaz, de menor?

Resposta dada na primeira aplicação do questionário: “Porque são menores de 20 anos, e são jovens infratores de classe média e não pode falar o nome deles porque são menores de idade”.

Resposta dada na segunda aplicação do questionário: “Porque infelizmente nesse Brasil os ricos e os pobres são tratados de forma diferente pela mídia”.

4 - Baseando-se nos exemplos da-





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

dos nas questões acima, diga de que forma você acha que a mídia, em geral, retrata o jovem?

Jovem: Josimara Alves de Oliveira

Resposta dada na primeira aplicação do questionário: “A mídia hoje em dia retrata o jovem como preguiçoso, usuário de drogas, revoltado”.

Resposta dada na segunda aplicação do questionário: “Na maioria das vezes a mídia retrata o jovem de uma maneira fora da realidade. O jovem hoje em dia está sendo considerado como mal-educado, preguiçoso, vítimas do tráfico de drogas. Às vezes isso pode ser realidade, mas, eu acho que está errado a maneira como é mostrado, como se todos os jovens fossem só desse jeito”.

Observações

Através dessas poucas respostas, podemos perceber que os adolescentes desenvolveram sua capacidade de fazer a leitura crítica da mídia. Porém, vale a pena observar que, ao contrário do que alguns parecem pensar, mesmo antes de qualquer orientação, os jovens já demonstraram alguma criticidade diante da mídia. Outra conquista observada é a confiança em expressar suas opiniões e a apropriação do direito à palavra, percebida através das respostas mais longas e argumentadas. Percebemos ainda, a valorização de projetos, como este do

qual tratamos, e a crítica ao tratamento diferenciado que alguns setores da mídia e da sociedade como um todo oferecem a pessoas de diferentes camadas sociais e cores.

A experiência educacional na formação profissional dos(as) bolsistas

Ao longo do projeto Comunicação para a Cidadania ficou claro como a prática educacional é uma experiência enriquecedora para os/as estudantes de Comunicação Social. Os/as graduandos/as trabalham a percepção educacional, aguçam a percepção para a própria mídia, se atentando ainda mais para o teor dos conteúdos comunicacionais e se envolvem com as realidades dos/as jovens participantes.

O contato mais direto com os processos de recepção e reflexão sobre os conteúdos da mídia trazem para os/as bolsistas uma percepção mais clara de como os produtos midiáticos estão presentes nas vidas desses/as jovens e de suas famílias. De que formas os conteúdos simbólicos são apropriados e resignificados.

A bolsista Ludyane Agostini atuou no projeto a partir do segundo semestre de 2008, na oficina de jornal impresso e em 2009 na oficina de rádio. Seu trabalho de conclusão de curso refletiu sobre a influência das práticas educacionais





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

na formação dos/as acadêmicos/as de Comunicação Social que participaram do projeto Comunicação para a Cidadania. O trabalho traz no texto falas, impressões e considerações dos/as bolsistas, tornando-se elemento importante na discussão que traçaremos neste momento.

Como quantifica Ludyane Agostini, em 2009 o projeto contou com o envolvimento de 18 bolsistas, estudantes de Comunicação. Dos/as 18 bolsistas, 10 acompanhavam o projeto desde 2008 e participaram de um encontro coordenado pela bolsista de apoio técnico do projeto, Raquel Rezende, em julho de 2008. O encontro, que durou três dias, foi proposto para ser um momento voltado para se pensar a Educação, seu surgimento enquanto Instituição, as metodologias possíveis, as problemáticas e o encontro desse campo com o campo da Comunicação.

No primeiro momento, debatemos acerca da construção de conhecimento vigente hoje, de seus métodos, compreendendo os princípios que norteiam a produção de saber pós revolução científica. Também conversamos, a partir de textos de Aníbal Ponce, principalmente, acerca do surgimento da Educação e os propósitos que acompanharam o seu nascimento. Essas reflexões foram importantes para compreendermos alguns aspectos que se encontram atrelados à Educação enquanto Instituição. Aspectos

esses que se colocam nas obras de estudiosos, como Paulo Freire e Edgar Morin, enquanto entraves para um relação educacional dialógica e ampla.

Trabalhamos principalmente em cima de um aspecto que aparece como fio condutor na abordagem de Aníbal Ponce (1995) sobre a história de Educação: a luta de classes. Ponce esclarece que a educação formal, desde o momento em que foi instituída, esteve atrelada aos interesses de uma classe: a classe dominante. Essa discussão traz questões imprescindíveis para a compreensão da educação formal hoje e das necessidades de transformação desse espaço potencial enquanto lócus de formação, troca, alteridade, criatividade, negociação e ação.

No segundo dia aprofundamos nossos conhecimentos metodológicos, passando pela leitura de Montessori, Piaget, Edgar Morin, Paulo Freire e Mario Kaplún. Elencamos pontos que consideramos interessantes nas diversas metodologias e baseados/as nos mesmo, desenhamos uma mandala a partir de conceitos, posturas e condutas que norteariam nossa atuação no projeto.

Algumas discussões surgiram principalmente com relação à expectativa quanto ao nível de leitura crítica dos/as jovens. Esclarecemos ao longo da discussão que todos/as apresentamos leitura crítica que, entretanto, pode e precisa ser





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

estimulada e potencializada, uma vez que vivenciamos um contexto marcado pela intensa presença de conteúdos e produtos da mídia.

Essa problematização aconteceu ao longo de todas as atividades, à medida que o contato com a leitura dos/as jovens trouxe uma percepção maior dos processos de recepção. É importante, aqui, ressaltarmos o quanto o contexto histórico-social e cultural dos/as jovens infere na leitura que os/as mesmos/as produzem. No segundo semestre de 2008 trabalhamos com adolescentes entre 13 e 18 anos do bairro Santa Cândida. E em 2009 trabalhamos com jovens entre 16 e 19 anos dos bairros Dom Bosco e São Pedro. A realidade de cada bairro, o contexto educacional, a idade, o sexo, todos são fatores essenciais no processo de recepção dos conteúdos da mídia, o que inviabiliza qualquer afirmação generalizada quanto ao nível de leitura crítica dos/as adolescentes.

Essa percepção das peculiaridades de cada jovem inferiu diretamente no planejamento das atividades e nas modificações que se fizeram necessárias, como citado por alguns/as bolsistas, nos questionários aplicados por Agostini (2009). Essa reflexividade possível na prática educacional é alicerçada pela obra de Paulo Freire (1978) que questiona o conteúdo estático e descontextualizado como é trabalhado na educação formal.

Ao longo das atividades nos deparamos com ansiedades, frustrações e alegrias por parte dos/as bolsistas que deixam claro o envolvimento com o projeto e com os/as jovens. Por isso mesmo momentos de avaliação e planejamento foram essenciais para a troca de percepções, colocação de dificuldades, elaboração de dinâmicas e atividades. Esses momentos também são imprescindíveis para a elucidação de reflexões. A partir do momento que expomos questionamentos, nos abrimos para possibilidades criativas e plurais. No decorrer do projeto tornou-se perceptível o amadurecimento de todos/as envolvidos/as com relação ao espaço educativo.

Também nos encontramos no cotidiano do projeto com momentos muito importantes na formação dos/as graduandos/as, quando nas oficinas os/as jovens produzem mensagens que são consonantes com suas preocupações. O uso das mídias na produção das mensagens nos mostram que é possível e necessária a apropriação dos mesmos pelos/as cidadãos/ãs e que cabe a nós jornalistas e comunicadores/as a luta pela democratização dos meios e pelo exercício da cidadania através dos mesmos.

Considerações finais

Através do referencial teórico e da iniciativa aqui apresentados pretendemos demonstrar a importância do exercício





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

do direito à comunicação para a cidadania dos jovens. Como observamos, por meio dos princípios da educomunicação, os jovens participantes da oficina de jornal impresso do projeto *Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária* puderam exercer o seu direito à comunicação, tornando-se assim mais críticos e exercendo plenamente a sua cidadania. Acreditamos que tais iniciativas que, assim como fez Paulo Freire, aliam a pesquisa à extensão podem oferecer grande avanço na consolidação de uma comunicação mais plural e democrática e na mobilização das massas por mudanças no cenário comunicativo do Brasil.



Referências bibliográficas

AGOSTINI, Ludyane Chaves. *O “Comunicação para a Cidadania” como chave para a formação de um novo profissional da Comunicação*. Juiz de Fora: Facom, UFJF, Monografia de Conclusão de Curso da Graduação em Comunicação, 2009.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade – e outros escritos*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HERMOSILLA, Maria Elena e KAPLÚN, Mario. *La educación para los medios en la formación del comunicador so-*

cial. Montevideo: Fundacion de Cultura Universitaria, Unesco, 1987.

KAPLÚN, Mario. *Comunicación entre grupos – El método del cassette-foro*. Bogotá: Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.

_____. *El estudio de la recepción: un área prioritaria de investigación-acción ante los nuevos desafíos* in: MELO, José Marques de (coordinador). *Comunicación latinoamericana: desafíos de la investigación para el siglo XXI – Ponencias presentadas al I Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación*. São Paulo: Alaic (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación), ECA-USP, 1992, p. 153-165.

_____. *Una Pedagogia de la Comunicación*. Madrid (Espanha): Ediciones de la Torre, 1998.

LAHNI, Cláudia Regina. *Possibilidades de cidadania associadas à rádio comunitária juizforana Mega FM*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, São Paulo, ECA-USP, 2005.

LAHNI, Cláudia Regina; COELHO, Fernanda. *A educomunicação a partir de conceitos de Mario Kaplún* in: *II Coloquio Argentina-Brasil de Ciencias de la Comunicación*. Mendoza: Quimera Productora Audiovisual - Universidad Nacional de Cuyo e Universidad Nacional de Rio Cuarto, 2009, p.1 – 13.

LAHNI, Cláudia Regina; PINTO, Raquel Lara Rezende Alves; COUTINHO, I. et. al. *Projeto de extensão da UFJF trabalha educomunicação com adolescentes*





de escola pública. In: 4º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU). Dourados: Universidade Federal de Dourados, Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e outras, 2009.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. *Comunicação nos movimentos populares – A participação na construção da cidadania*. 2ª ed., Petrópolis (RJ), Vozes, 1999.

_____. *Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos* in: *III Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação*, Anais eletrônicos, Belo Horizonte: Intercom, 2003. ... Belo Horizonte: 2003. Disponível em: <http://repositorio.com.portcom.intercom.org.br/handle/1904/1232>. Acesso em: 18 jan. 2008.

PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. 14ª ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

URIBE, Esmeralda Villegas. *Mario Kaplún: uma luz que continua acesa* in: *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: IMS, 1999, n° 31.

Notas

¹ Em 2009, o Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária integrou o projeto Educação e Cultura Geracional (financiado pelo MinC), sob a coordenação da Profa. Ms. Maria Carolina Portella, da Faculdade de Serviço Social da UFJF.

